

## **Entre-Rios: Relato de um processo pessoal de criação de poesia.**

Fernanda de Souza Hott Ribeiro\*

Ifes – Campus Aracruz

A autora é Graduada em Letras-Inglês (UFES 2000) e

Mestre em Letras/ Estudos Literários (UFES 2006)

Neste breve texto, objetivamos relatar uma experiência de criação literária de poesia com base em leituras. O curso de um rio metaforizando o curso da vida é uma figura recorrente na literatura, mas me impressionou a maneira como o poeta estadunidense Langston Hughes (1902-1967), no poema “The Negro Speaks of Rivers” (1921) compara o curso do rio ao curso do sangue nas veias do corpo humano e traça a geografia do percurso dos negros escravizados do continente africano até as américas listando os rios do caminho. Conheci o poema durante a disciplina de Literatura Norte-Americana na graduação em Letras-Inglês e guardei uma imagem mental muito nítida. Alguns anos depois, quando fui lecionar a mesma disciplina em cursos de graduação em Letras, revisitei poemas para as aulas. Coincidentemente, naquele momento, começava uma carreira paralela como poeta e acabei sendo convidada a participar de uma antologia poética sobre o Rio Doce. Esse rio diz muito sobre a minha vida pessoal, visto que moro no Espírito Santo há muitos anos, mas minha família imediata reside em Minas Gerais, onde nasci. A família de meu pai, inclusive, vem da região do vale do Aço, onde passava férias e feriados com tios e primos. O curso do Rio Doce fala sobre a minha trajetória, assim como o poema de Hughes fala sobre o percurso dos povos negros escravizados da África às Américas. O poema de Hughes fala de um percurso histórico-geográfico de gerações de negros, mas a nitidez da metáfora era tão forte, que a tomei emprestada para o poema “O Rio sou Eu” de 2007. Assim, enquanto as lamentáveis circunstâncias históricas trouxeram os negros involuntariamente escravizados para o continente americano, circunstâncias econômicas trouxeram minha família para este estado quando eu era adolescente. Sou brasileira de cor branca no século 21, no entanto, ao entender que o poema deveria falar do Rio, o poema me veio imediatamente. Assim, os rios de Hughes correm no mesmo vermelho-sangue das veias do povo negro oprimido pela história. Meu Rio Doce, no entanto, tem a doçura do povo mineiro, na fala mansa, na tranquilidade das ações. O poema poderia ter falado da questão da mineração, da degradação do meio ambiente e de tantas outras questões, mas escolhi a via do meu amor pelos dois estados e pelo que há de mais belo e tranquilo nas culturas ligadas por esse rio. Portanto, deixo aqui meu poema “O Rio Sou Eu” e a tradução do poema “The Negro Speaks of Rivers” de Langston Hughes, convidando o leitor à essa navegação por épocas e circunstâncias tão diversas.

## **O Rio sou Eu**

Rio de lágrimas e risos  
Que vai levando a vida docemente  
Que vai lavando a alma da gente  
Rumo ao paraíso  
Doce como doce da roça  
Que provamos pelo caminho  
Doce como o som da brisa mansa  
Que embala o sonho sereno  
Rio que sai da Mantiqueira  
Rasga o vale  
E corre pelas mesmas veias  
Onde corre o meu sangue mineiro  
Rio do meu coração  
Que agora suspira pelo Atlântico  
Que saiu das montanhas de Minas  
E fugiu para o Espírito Santo  
( Fernanda Hott)

## **O negro fala sobre os rios (Langston Hughes)**

Eu vi rios:  
Eu vi rios antigos como o mundo e mais velhos que  
o fluxo de sangue humano em veias humanas.  
Meu espírito escavou-se fundo como os rios.  
Eu me banhei no Eufrates quando as auroras eram jovens.  
Eu construí minha cabana às margens do Congo e ele embalou meu sono.  
Eu contemplei o Nilo e ergui as pirâmides a sombreá-lo.  
Eu ouvi o canto do Mississippi quando Abraham Lincoln  
desceu até Nova Orleans, e eu contemplei seu colo  
enlameado dourar-se ao pôr-do-sol.  
Eu vi rios:  
Rios antigos, poentes.  
Meu espírito escavou-se fundo como os rios.  
(tradução de Ricardo Domeneck)

